

ENTREVISTA

Prof. Dr. Nelson De Luca Pretto (por Alan Queiroz da Costa)

RESUMO

Entrevista concedida por Nelson De Luca Pretto a Alan Queiroz da Costa, em setembro de 2024, para a seção temática “Educação Física brasileira e desafios contemporâneos: responsabilidades, compromissos e diálogos com as mídias, tecnologias e cultura digital” da Revista Motrivivência (LaboMidia-UFSC), em edição associada com o GTT 2 – Comunicação e Mídia/CBCE.

PALAVRAS-CHAVE: Nelson Pretto;
Entrevista; Dossiê

Nelson De Luca Pretto

Doutor em Ciências da Comunicação
Universidade Federal da Bahia,
Faculdade de Educação,
Salvador, BA, Brasil
nelson@preotto.pro.br

<https://orcid.org/0000-0001-8152-8963>

Alan Queiroz da Costa

Doutor em Ciências da Comunicação
Universidade de Pernambuco,
Escola Superior de Educação Física,
Recife, PE, Brasil
alan.qcosta@upe.br

<https://orcid.org/0000-0002-5915-0973>

Interview: Nelson De Luca Pretto (by Alan Queiroz da Costa)

ABSTRACT

Interview given by Nelson De Luca Pretto a Alan Queiroz da Costa, in September 2024, for the thematic section "Brazilian Physical Education and contemporary challenges: responsibilities, commitments and dialogues with media, technologies and digital culture" of Motrivivência Magazine (LaboMidia-UFSC), in an edition associated with GTT 2 - Communication and Media/CBCE

KEYWORDS: Nelson Pretto; Interview; Dossier

Entrevista: Nelson De Luca Pretto (por Alan Queiroz da Costa)

RESUMEN

Entrevista concedida por Nelson De Luca Pretto a Alan Queiroz da Costa, en agosto de 2024, para la sección temática "Educación Física brasileña y desafíos contemporáneos: responsabilidades, compromisos y diálogos con los medios, tecnologías y cultura digital" de la Revista Motrivivência (LaboMidia-UFSC), en edición asociada con el GTT 2 - Comunicación y Medios/CBCE

PALABRAS-CLAVE: Nelson Pretto; Entrevista; Dossier

Considerações iniciais sobre a entrevista

A proposta de trazer o professor Nelson Pretto para compor a sessão temática por meio de uma entrevista surge do coletivo de editores da referida sessão como forma de qualificar e atualizar o debate entre a Educação Física e suas relações com a Educação e Comunicação de maneira mais ampla, reconhecendo os grandes pesquisadores nacionais e internacionais do tema e suas contribuições para este campo de estudos.

Também porque o professor Pretto tem um vínculo acadêmico antigo com o GTT Comunicação e Mídia/CBCE, na medida em que participou como palestrante da nossa mesa especial sobre “Educação, TV Digital e Mídia Esportiva”, por ocasião do XV CONBRACE/II CONICE, realizado em Recife, Pernambuco (16 a 21 de setembro de 2007).

A auto-apresentação que Nelson Pretto sempre dá a suas participações em seminários, congressos, eventos e publicações como um “professor e pesquisador ativista” por si só já deveria ser um exemplo a ser seguido por todos os professores brasileiros, principalmente após os últimos anos em que temos vivido no país tempos sombrios e desacreditados da ciência.

Atuando na Universidade Federal da Bahia (UFBA), tem desenvolvido há mais de 30 anos trabalhos, pesquisas e ações concretas nas relações entre educação e tecnologias digitais: “Não é a rede que precisa estar na escola e sim a escola que precisa estar na rede” já afirmava o prof. Nelson Pretto em uma de suas diversas entrevistas¹.

Em meio a agendas conturbadas de atividades, de maneira muito agradável e sempre prestativa, a partir de um primeiro contato por e-mail e depois de maneira mais próxima por Whatsapp, aceitou o convite e trouxe uma grande contribuição para a sessão, com o envio da entrevista gravada a partir do roteiro previamente enviado. A seguir apresenta-se uma síntese de suas atividades acadêmico-científicas e, na sequência, suas reflexões e respostas às questões norteadoras da entrevista.

¹ Mais informações disponíveis em: <https://www.fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/entrevista-professor-nelson-preotto-fala-sobre-os-desafios-da-escola-na-era-da-internet/>



Fonte: arquivo pessoal do entrevistado

Professor Titular (e ativista) da Faculdade de Educação (www.faced.ufba.br) da Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Brasil. Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo (1994), Licenciado em Física (1977) e Mestre em Educação (1985), ambos pela UFBA. Bolsista do CNPq. Membro da Academia de Ciências da Bahia.

Foi Secretário Regional da Bahia (2011 e 2015) e Conselheiro da SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (2015-2019). Titular do Conselho de Cultura do Estado da Bahia (2007-2011).

Foi editor da Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade (www.entreideias.ufba.br) até 2016 e membro da diretoria do Sindicato dos Professores no Estado da Bahia - SINPRO (1976/1977).

Livros publicados: Educação, Culturas e Hackers: escritos e reflexões, pela EDUFBA, 2017, Uma dobra no tempo – um memorial (quase) acadêmico, pela Editus, 2015, Escritos Sobre educação, comunicação e cultura (Papirus, 2008), Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia (Papirus, 1996, 7^a edição, Edufba, 2014, 8^a edição), SMOG: crônicas de viagens (Arcádia, 2004) entre outros.

Organizou, entre outros, os seguintes livros: Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas (com Bianca Santana e Carolina Rossini, Casa de Cultura Digital e Eufba), Inclusão Digital: polêmica contemporânea (com Maria Helena S. Bonilla, Edufba, 2011) Do MEB à WEB: o rádio na educação (com Sandra P. Tosta, Autêntica, 2010) e Além das redes de comunicação: internet, tecnologias de poder e diversidade cultural (com Sérgio Amadeu da Silveira, Edufba, 2008). Tem capítulos escritos em mais de 10 livros e publicou artigos em periódicos acadêmicos e na mídia em geral.

Foi coordenador de Estudos e Análises do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação (Inep – 1986/1987), superintendente de Projetos Especiais da Fundação Nacional de Rádio e TV Educativa (FUNTEVÊ, 1987/1989), assessor do reitor da UFBA (1994/1996) período no qual coordenou a implantação da internet na UFBA e no Estado da Bahia, como coordenador do "Comitê Gestor da Rede Bahia".

Coordenou, juntamente com Leonardo Lazarte (UnB), o grupo de trabalho sobre Educação no projeto brasileiro Sociedade da Informação (MCT).

A entrevista

Alan Q Costa (AQC): Inicialmente, gostaríamos que você traçasse um panorama histórico a partir de sua trajetória no campo que envolve Educação com mídias, tecnologias e cultura digital. E, também, como você observa, atualmente, essas relações com as tecnologias no contexto educativo e formativo.

Nelson Pretto (NP): A primeira questão central é considerar que as tecnologias sempre estiveram presente na educação. Essa relação da educação com as mídias, sejam elas quais forem, sempre foi algo muito presente, desde o uso da caneta, do lápis, passando pelo material impresso, pelas tecnologias que a gente poderia chamar analógicas, até hoje, chegando nas tecnologias digitais.

Dois aspectos dessa questão são muito importantes e acho que precisam ser considerados. Primeiro que sempre que essas tecnologias, quaisquer que sejam elas, entram na escola, elas sempre transformam o ambiente escolar, no sentido de introduzir algumas tensões sobre a sua utilização e a sua incorporação aos processos pedagógicos de ensino aprendizagem. O segundo elemento é que, sempre, e aí esse “sempre” é “sempre mesmo”, você teve uma presença mais forte, mais significativa de empresas, ou seja, do mundo do capital, daqueles que produzem essas tecnologias, pressionando, seja diretamente através da pressão aos professores, às secretarias de educação, de

uma maneira geral a todos os setores que envolvem a decisão de compra dessas tecnologias. Seja através dos próprios alunos e dos próprios professores que trazem, incorporados dentro de si, a vivência com essas tecnologias, porque elas não são tecnologias que estão alheias a vida em sociedade, elas são tecnologias historicamente desenvolvidas e as pessoas vivem com essas tecnologias na sua vida cotidiana. Portanto, de maneira complementar, você tem os jovens trazendo as novidades com muito mais facilidade do que os próprios professores, que já estão acostumados aos métodos e às maneiras instituídas de ensinar e de aprender. Então você veja que isso não é uma novidade no momento atual.

Um segundo elemento muito importante desse debate diz respeito à forma como nós incorporamos estas tecnologias e aí, é muito comum a gente ouvir expressões do tipo “para o uso pedagógico”, “adaptar a tecnologia para o uso pedagógico” e muitas vezes, ao fazermos isso, nós estamos mutilando a própria natureza desta tecnologia em uso. Vamos trabalhar com um exemplo, que talvez seja o exemplo mais visível pra todos nós, que é um exemplo bastante recente, que foi trazer o vídeo e a televisão, ou seja, a imagem em movimento pra dentro da escola, naquilo que ficou conhecido como “TV educativa, vídeo educativo” ou coisas desse tipo.

O que a gente observa é que, infelizmente, muito do que se fez ao longo do tempo, foi uma transposição dos métodos e das maneiras instituídas de se ensinar, para dentro do meio televisão, para dentro meio vídeo. E é óbvio que isso não funciona. Então só fica um material chato, monótono, como fica um material que mutila as características principais da edição, da criação videográficas, cinematográfica, propriamente dito. E isso, evidentemente, está também, sendo transposto para os os computadores, as páginas web e, agora com a inteligência artificial. Então, eu gosto sempre de insistir de que essas tecnologias digitais (e agora já falando nas tecnologia digitais porque elas efetivamente elas se caracterizam muito mais do que instrumentos para auxiliar a fazer a mesma educação) elas se caracterizam muito fortemente por serem elementos da escrita do contemporâneo, ou seja, tenho insistido nessa dimensão de que ela, essas tecnologias, elas estão escrevendo o mundo contemporâneo e, para isso, nós precisamos aprender a interagir intensamente, a se apropriar intensamente dessas tecnologias, e não apenas aprender a como usá-las.

Tem o livro do Douglas Ruskoff, “Programe ou seja programado”², que é bastante interessante nessa perspectiva, porque ele mostra a importância de não sermos só usuários das tecnologias digitais do computador, mas também sermos capazes de produzir. E com isso entramos

² O livro citado pelo entrevistado na versão em português é: RUSHKOFF, Douglas. As 10 questões essenciais da era digital: Programe seu futuro para não ser programado por ele. São Paulo: Saraiva, 2012. A versão original (*Program or Be Programmed Ten Commands for a Digital Age*) pode ser encontrada em: <https://softskull.com/books/program-or-be-programmed/>. Recentemente o mesmo autor lançou *Program or Be Programmed. Eleven Commands for the AI Future* (“Programe ou seja programado: Onze comandos para o futuro da IA” - tradução livre). Essa última publicação pode ser encontrada em: <https://orbooks.com/catalog/program-or-be-programmed/>.

naquilo que me parece ser a minha tese fundamental, e do nosso Grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC)³ que é, a escola, o professor e os estudantes passarem a ser autores do processo e não mero atores que representam algo que foi escrito a distância, fora do próprio contexto.

É mais ou menos dentro disso que, desde a década de noventa do século passado, a gente cunhou uma expressão, que virou uma espécie de mantra no nosso grupo de pesquisa quando da chegada da internet no Brasil, que é: “nós não queremos a internet nas escolas, mas sim as escolas na internet”. E agora, isso vale para internet, para os computadores e para a inteligência artificial que já está batendo na porta da escola, se é que já não adentrou completamente.

AQC: Há uma diversidade e complexidade de nomenclaturas (Mídias, TDIC, Plataformas digitais, Letramento Digital, Alfabetização Midiática e Informacional, Literacias de Mídia e Informação etc.) na pesquisa, ensino e extensão. Qual o referencial teórico-conceitual que você se identifica e qual(quais) terminologia(s) escolhe adotar em suas ações acadêmicas e investigativas?

NP: Sobre essa questão das nomenclaturas, é importante ficar claro que cada nomenclatura está associada a uma concepção de educação, de sociedade e de tecnologia, né? E a gente tem trabalhado muito fortemente com a ideia de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, mas evidentemente dentro desse nome, dessa nomenclatura mais ampla, as plataformas digitais estão aí, bastante forte. A necessidade de uma de uma literacia da mídia (e esse debate sobre alfabetização e letramento é um debate polêmico no campo das letras), nós preferimos não adentrar nele e mais na perspectiva de que nós precisamos, como eu já vinha falando, tratar de uma formação para que, efetivamente, professores e alunos sejam autores e não somente consumidores de informação e comunicação. Isso é está muito fortemente nesse meu livro “Educação, Culturas e Hackers⁴”, que é a transformação da escola: “a escola precisa passar a se constituir em um ecossistema pedagógico de aprendizagem, comunicação e produção de culturas e conhecimentos” (Pretto, 2017, p. 54).

Então, esse é um aspecto importante de que a gente tem trabalhado e tem procurado se articular com essas diversas outras correntes como por exemplo a educomunicação⁵ e tantas outras,

³ Grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC) ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, vinculado à linha de pesquisa Currículo e (In)Formação. Mais informações disponíveis em: <http://www.marsol.ufba.br/twiki/bin/view/GEC/WebHome>

⁴ PRETTO, N. D. L. Educação, culturas e hackers: escritos e reflexões. Salvador, BA: Edufba, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25327>

⁵ Mais informações em: <https://abpeducom.org.br/educom/conceito>. Para maior aprofundamento, sugere-se as leituras: SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas. e SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir; XAVER, Jurema Brasil.

mídia-informação, literacia midiática⁶. Porque todas elas têm características centrais importantes e elas acabam articulando de forma muito intensa. Isso é importante de forma que a gente avance no conhecimento, no sentido de entender o ensino, a pesquisa e extensão como algo indissociável e que tem que incorporar todos esses elementos, em busca de que essa incorporação das tecnologias na educação se dê de maneira instrumental, esse é ponto central do nosso enfoque.

AQC: Diante das experiências que tivemos em todos os campos da vida em decorrência da pandemia de Covid-19 (entre 2020 e 2023) e do isolamento/distanciamento social obrigatórios, como você analisa a vida em “modo remoto” e outras questões, como “educação à distância”, homeschooling, Inteligência Artificial ou outros aspectos que deseje destacar?

NP: Pra gente entender um pouquinho do panorama da chegada dessas tecnologias na educação e o seu afetamento pela pandemia da covid, é importante nós compreendermos um pouco do que já vinha acontecendo. Então, como já mencionei anteriormente, a presença do mercado, da indústria na perspectiva de introduzir as tecnologias da educação é antiga, histórica.

O que ocorre nesse momento histórico estamos vivendo, particularmente a partir desse início de século vinte e um, é um crescimento assustador da concentração de poder na mão de muitas poucas empresas, em torno de quatro ou cinco, concentrada no Vale do Silício Americano, que são essas empresas de plataformas digitais, que atuam de forma oligopolista em diversos campos, como o mundo do trabalho, o mundo do comércio, do entretenimento e, obviamente, da educação também.

Então essas empresas, que a gente costuma denominar pelo acrônimo de GAFAM (Google, Amazon, Facebook, Meta, Apple e Microsoft - que hoje, obviamente teria que modificar um pouco, por conta de que o Facebook pertence à Meta, que também é dona do Instagram e do WhatsApp, que é um verdadeiro absurdo. No sentido de um poder de concentração que nenhum outro setor permitiria, uma empresa com tentáculos tão grande na mão de um único homem, branco, gosto sempre de repetir, eles são em torno em torno de cinco ou seis, homens brancos do Vale do Silício Americano, que inclusive tem posições políticas muito claras, como agora, praticamente todos eles manifestando apoio quase que explícito, quando não explícito, a Donald Trump, exatamente por conta de sua perspectiva econômica.

Educomunicação e alfabetização midiática: conceitos, práticas e interlocuções. São Paulo: ABPEducon. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002791783.pdf>.

⁶ Para maior aprofundamento, sugere-se a leitura: PASSARELLI, Brasilina. Das literacias de mídia e informação às transliteracias: breve estado da arte. Ecosistema de inovação na educação: case educação básica: Guarujá: São Paulo: ECA/USP, 2023. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003143733.pdf>.

Essa concentração é violenta e essas empresas estavam e estão o tempo inteiro fazendo força para que se constituírem como únicas alternativas para o seu uso na sociedade e, particularmente, na educação. Em paralelo a isso, nós tivemos e temos todo o desenvolvimento em torno do movimento da ciência aberta, do software livre e de alternativas que nos levariam a construir aquilo que está sendo denominado de soberania digital ou soberania dos dados. Havia uma reação forte de muitos de nós, de vários movimentos, e não só no Brasil, mas, particularmente, nós fomos muito fortes desde os anos 2000, com os fóruns internacionais de software livre, que se realizavam em Porto Alegre, e havia uma certa resistência.

A pandemia, no entanto, o que fez, foi escancarar as portas da educação para a entrada destas soluções, sempre com o argumento de que “era o que tínhamos, agora o que temos é isso mesmo, e não podemos perder a oportunidade de utilizar essas tecnologias e manter as pessoas conectadas, ensinando e aprendendo”. Vimos então, que isso foi uma alternativa muito equivocada, muito perigosa, o que fez com que hoje as escolas do ensino básico e do ensino superior, com um percentual muito grande, como pode ser visto pelo belo projeto do Observatório da Educação Vigiada⁷, estão adotando essas soluções GAFAM.

Vale isso para os GAFAM aqui do Ocidente, mas também já temos esse crescimento e essa expansão de situações similares vindo do Oriente, particularmente China, e particularmente com o Tik Tok. Então, temos hoje um desafio muito grande. Durante a pandemia, nosso grupo de pesquisa (GEC) da Faculdade de Educação produziu coletivamente um livro⁸ com 41 pontos onde, justamente, a gente vem mostrando nesse escrito coletivo, o quanto nós já tínhamos alertado para a importância de políticas públicas que fortalecessem uma perspectiva mais na linha da soberania digital, e que isso não foi feito.

Com isso, efetivamente, tivemos uma presença, e temos uma presença muito forte dessas plataformas na educação, o que é uma lástima. É um perigo do ponto de vista da soberania do país, porque os nossos dados, da produção científica, dos nossos estudantes, dos nossos professores, estão todos depositados em *data centers* sem a possibilidade de controle dos nossos dados. Ou seja, esses dados estão disponíveis para empresas americanas que obedecem à legislação americana e não à legislação brasileira.

Por isso que, nesse sentido, para dar uma perspectiva de bastante atualidade a essa nossa conversa, foi extremamente importante o que está acontecendo, a partir da decisão do ministro

⁷ Mais informações disponíveis em: <https://educacaovigiada.org.br/pt/sobre.html>

⁸ PRETTO, Nelson De Luca, BONILLA, Maria Helena Silveira, SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza Sena. Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19/ organizadores: Salvador: Edição do autor, 2020. Disponível em: https://blog.ufba.br/webgec/wp-content/uploads/sites/7/2023/08/GEC_livro_final_imprensa.pdf

Alexandre Moraes, de bloquear o Twitter, o X, aqui no Brasil⁹, porque o Elon Musk, efetivamente, está se configurando como uma grande ameaça mundial, porque é um excêntrico bilionário com um poder nas mãos fenomenal e que precisa ser controlado. Não é possível que essas plataformas possam agir sem uma regulação que lhes dê os devidos limites. Isso está sendo feito em muitos países. Agora, acompanho aqui a o governo da Catalunha também abandonando o X como meio de comunicação oficial do governo, ou seja, mostrando a importância de uma reação a esse poderio do Elon Musk, que é um poderio praticamente incontrolável.

Agora também, no caso brasileiro, com a Starlink cobrindo todo o céu da Amazônia, com os dados inclusive do Exército Brasileiro, que anunciou um acordo de comunicação através da Starlink. Portanto, a pandemia terminou, mais do que tudo, favorecendo estas grandes empresas do Vale do Silício, que possuem, cada empresa dessa, um PIB maior do que muitos países do mundo. Então, esse é um problema sério, um desafio enorme que precisamos enfrentar.

AQC: De acordo com sua perspectiva teórica e sua observação da realidade, quais dificuldades ou desafio(s) contemporâneo(s) identifica como sendo o mais relevante quanto às dinâmicas sociais e culturais envolvendo educação, mídias, tecnologias, cultura digital e também a inteligência artificial?

NP: E eu acho que os itens quatro e cinco praticamente já foram já foram apontados por mim, mas eu faria então, talvez uma síntese que os desafios que nós hoje, na educação, somos só sobre o ponto de vista das tecnologias, porque não seria possível uma análise específica separando o debate sobre as tecnologias do debate maior sobre currículo, sobre a gestão da escola, os desafios são muito grandes. Por quê? Efetivamente as tecnologias, elas vão mexer na própria concepção curricular da escola.

Então, começamos já a acompanhar, isso são matérias que nos jornais agora desses dias, uma escola no Reino Unido em que não terá professores e os alunos terão um estudo individualizado com plataformas de inteligência artificial e a escola terá tutores acompanhando esses alunos¹⁰. Será presencial, eles são obrigados a ir pra escola, mas lá não encontrarão os seus professores e sim, tutores e mecanismos de inteligência artificial para desenvolver os seus trabalhos. Obviamente que isso traz prejuízos enormes para formação cidadã, para formação, entre outras coisas, que considere os direitos humanos, porque essas pessoas, esses alunos, eles não conviverão

⁹ Mais informações disponíveis em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/saiba-por-que-moraes-bloqueou-o-x-no-brasil/>

¹⁰ Mais informações disponíveis em: <https://www.trendsbr.com.br/cultura/escola-do-reino-unido-inova-ao-criar-turma-sem-professor-que-vai-aprender-por-ia-e-realidade-virtual>

com professores que os possam instigar. Os monitores estão ali, mas não se sabe bem com que qualificação teriam, estão ali para tentar resolver essa progressão dos alunos apenas no aspecto de conteúdo.

Sabe-se que esse foi um problema na pandemia, que nem tudo é conteúdo. Conteúdo é importante mas não pode ser o central de todo o processo formativo, que precisa ser muito mais amplo. O que queremos é formar cidadãos, ativos e ativistas, participativos e que respeitem os direitos humanos. Então não basta ter conhecimento, não basta saber um pouco mais de matemática, de história, de física ou de ou de língua portuguesa. Então, essas tecnologias e todo esse debate é muito mais amplo do que apenas quais tecnologias e como essas tecnologias têm que entrar na escola.

E eu acho que esse debate é urgente, porque efetivamente o que nós vemos hoje é que a escola, e eu já dizia isso há um tempinho para trás, que a escola não encanta mais os jovens, e me referia mais à escola do ensino médio, do ensino básico. E hoje o que a gente está vendo pós-pandemia é que a universidade também não está encantando mais o jovem. O que nos demanda um repensar do próprio papel da universidade e do próprio papel da escola e da educação básica, numa perspectiva de fazê-la efetivamente a retomada desse encantamento da juventude.

Da mesma forma, de maneira agrupada, abaixo segue a resposta às questões 6 e 7.

AQC: Considerando-se a Educação Física no campo educacional e formativo, quais aproximações, observações e constatações você tem realizado no que concerne à participação de agentes da Educação Física no envolvimento entre Educação/Formação e mídias, tecnologias e cultura digital?

NP: Bom, efetivamente não estou envolvido mais diretamente com o campo da Educação Física, mas percebo que a Educação Física tem se debruçado fortemente, e essa revista é um exemplo disso, nessa relação, na utilização e na reflexão sobre a questão das tecnologias digitais de informação e comunicação. Um dos aspectos que me parece central para educação física, mas para a educação em geral e, mais ainda para a educação científica, é que nós não podemos deixar de exercer o nosso papel de intelectual público. Sem dúvida nenhuma, nos apropriarmos das tecnologias de informação e comunicação é um aspecto central para que a gente possa ocupar não só as mídias tradicionais, a grande mídia, mas também as redes, de tal forma que a gente exerça plenamente essa dimensão de intelectual público que precisamos ser.

Mais especificamente no campo da Educação Física, imagino que todas essas tecnologias podem estar presentes no sentido de fortalecer a própria pesquisa e a própria análise midiática. E

isso tem sido muito feito e muito provavelmente muito mais será feito. Não tenho muito mais a contribuir nesse campo, mas acredito que os pesquisadores que trabalham nessa relação de tecnologias com educação física, tenham grandes contribuições a dar. Sem dúvida nenhuma, e assim como todos os outros campos, a resistência a essas plataformas privadas e a busca pelo fortalecimento da construção do bem comum é algo que nos coloca todos juntos nessa defesa da soberania digital e da soberania dos dados. Essa é uma luta de todas as áreas.

AQC: O que você pensa sobre a expressão “experiências inovadoras”, que se tornou bastante comum no campo educativo e universitário brasileiro? O que você considera como relevante, importante, estimulante e efetivo naquilo que envolve os conteúdos escolares - e no caso específico da EF, poderíamos pensar na cultura corporal de movimento como objeto de ensino - em um trabalho pedagógico que considere também as mídias e tecnologias?

NP: Esse tema das experiências inovadoras da inovação pedagógica tem me interessado muito ultimamente porque tenho percebido, não só no campo da educação mas a proliferação da palavra inovação, como sendo algo muito muito no debate contemporâneo, e isso tem preocupado porque temos visto ao longo desses últimos anos, que toda essa dimensão da inovação, ela está muito associada a uma ideia de empreendedorismo. Vejam que, são palavras que estão muito fortemente presentes já no nosso campo, inclusive da educação, por exemplo, inovação, empreendedorismo, produtividade, eficácia, eficiência, estratégias, ou seja, são palavras que estão absolutamente associados a essa lógica neoliberal do mercado e que adentram de maneira muito forte na sociedade e na educação em particular.

Portanto essas inovações pedagógicas, na maioria das vezes, vêm sendo associadas essas parafernálias tecnológicas, muito informática, luzes e neons, ou seja, uma parafernália que na verdade, possui dentro de si, uma perspectiva mais individualista, do aumento da produtividade de cada cidadão e de cada aluno. Isso está acontecendo, e aí reforçando tudo que eu já vinha falando, com uma grande captura de dados, que possibilita que essas tecnologias se apresentem como inovadoras, em oposição a uma perspectiva mais amadora da produção do conhecimento, que não necessariamente precisa se opor a essa perspectiva mais profissional, mas ela precisa ser resgatada no sentido de fazer com que esta produção, esse desenvolvimento se dê a partir do coletivo e não a partir do individual, e se dê na busca dessa construção do bem comum e não da expropriação dos trabalhadores e, consequentemente, dos estudantes.

O exemplo que dei anteriormente sobre uma escola só com inteligência artificial e sem professores é um exemplo exatamente nessa perspectiva. Tenho estudado e estamos começando a interagir com um pesquisador catalão, Eduard Aibar, que tem um interessante livro chamado O

Culto da Inovação¹¹, em que associa esse culto à inovação a uma ideologia californiana. Com isso, a gente consegue fechar todo esse marco conceitual, político, teórico, associando esse culto à inovação com a ideologia californiana, centrado hoje nessas cinco ou seis grandes empresas de tecnologia digital.

Então, tudo isso vai trazendo para nós da educação, uma perspectiva muito dramática, no sentido de que somos levados a ser medido por métricas de exames universais, que comparam com dados internacionais, de tal forma que, a educação, muitas vezes, fica concentrada nessa perspectiva de atender a essas métricas internacionais. Isso é muito grave, porque nos afasta daquele rico processo amador de construção coletiva do conhecimento, de experimentação, muito cara aos hackers, muito cara ao movimento de software livre e por isso que temos trabalhado muito fortemente nessa perspectiva de compreender melhor essa ética dos hackers, propondo uma espécie de um “jeito hacker de ser” para professores e alunos e cientistas de uma maneira geral¹².

AQC: Gostaríamos de algumas palavras finais, pensando na temática desta seção temática – “Educação Física brasileira e desafios contemporâneos: responsabilidades, compromissos e diálogos com as mídias, tecnologias e cultura digital”, e também se gostaria de deixar registrado mais alguma coisa que não tenha sido contemplada nas questões anteriores.

NP: Bom, como palavras finais, obrigado pelo convite para entrevista. Como eu tentei mostrar ao longo dessa nossa conversa, nós temos grandes desafios pela frente, não só para educação física mas também para educação de uma maneira geral, na expectativa de que a educação possa contribuir para as transformações que a gente acredita que sejam necessárias para a nossa sociedade.

Observem que, quando a gente fala especificamente educação, porque ela é o nosso campo de trabalho, claramente não tenho a expectativa de que a educação promova, por si só, essas grandes transformações. Ela será apenas uma contribuição com a formação de cidadãos e cidadãs mais conscientes da necessidade de uma ação mais contundente na sociedade, por isso que

¹¹ Mais informações disponíveis em: <https://nedediciones.com/tienda/colecciones/huellas-y-senales/el-culto-a-la-innovacion/>

¹² Essa lógica apresentada pelo prof. Nelson já foi esclarecida em seu livro “Educação, culturas e hackers” já citado na nota 3. Para facilitar o entendimento do leitor, citamos o trecho que explica essa relação entre *hacker e crackers*: “Quando se pensa em hacker, é comum que se pense num criminoso que age entre os zeros e uns da internet, roubando senhas e quantias em dinheiro. Entretanto, o estereótipo do vilão online não representa adequadamente os hackers. Para os vilões, foi inclusive criada a palavra cracker, para identificar esses criminosos cibernéticos, que não têm nada a ver com o jeito hacker a que aqui nos referimos. Portanto, a única forma de combater a marginalização do termo hacker é a população receber informações sobre o assunto e ser educada para não vê-los como terroristas virtuais, mas, sim, como um grupo de pessoas em busca da construção coletiva do conhecimento” (Pretto, 2017, p. 36-37).

trabalhamos sempre na perspectiva de metodologias de pesquisa ativista. Por isso que eu inclusive me apresento como um professor, um pesquisador ativista. Não dá para ficarmos produzindo conhecimento sem fazer esse conhecimento chegar na sociedade e, com isso, ajudar a construir narrativas da sociedade que possam superar essa perspectiva negacionista que a extrema direita, que cresce em todo mundo, tem tentado impor à sociedade.

A gente propõe, e tem trabalhado muito fortemente com essa ideia de “hackear a educação”, no sentido de ser o hacker, aquele que vai, que futuca, que investiga, que desafia autoridade, mas que mais do que tudo, tem a perspectiva do trabalho coletivo, de colaborar com a sociedade na construção de um mundo ambientalmente sustentável, num mundo justo e que os países possam, de maneira soberana, decidir os seus destinos.

Por isso a importância da soberania de dados, da soberania digital. Por isso da importância de termos estratégias de hackear por dentro a educação. A gente não vai conseguir transformações que venham de cima pra baixo, mesmo porque não acreditamos nelas, acreditamos exatamente nessa perspectiva dos movimentos sociais organizados, trabalhando de baixo pra cima, o mesmo acontecendo com educação. Por isso então a gente propõe um professor com um “jeito hacker de ser”, que se propõe hackear a educação, por dentro, que se propõe e trabalha na perspectiva de defender professores e professoras, entendendo os professores e professoras como intelectuais públicos atuantes na sociedade.

Um abraço a todos e muito obrigado pela oportunidade.

Mais informações sobre a atuação do prof. Nelson Pretto podem ser visualizadas nos seguintes endereços:

- 1) Open Researcher and Contributor ID (ORCID): <https://orcid.org/0000-0001-8152-8963>
- 2) Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1504621070252946>
- 3) Blog pessoal: <http://www.pretto.info>

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Ao entrevistado, Prof. Dr. Nelson de Luca Pretto, pela atenção e disponibilidade.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Enviada pelo próprio participante da entrevista, com seu consentimento.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR ASSOCIADO DA SEÇÃO TEMÁTICA

Alison Pereira Batista

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 02.10.2024

Aprovado em: 02.10.2024